

De teletema à trilha sonora de novela: o desempenho das músicas na obra de Janete Clair nos anos 1970¹

Daniel Trevisan de ARAÚJO²

Mestrando em Comunicação – Universidade Paulista (UNIP) – SP

Resumo

O presente artigo analisa como canções de sucesso utilizadas em trilhas sonoras das novelas da autora Janete Clair na década de 1970, lançadas pela Som Livre (enquanto produtora, divulgadora e comerciante de música do Grupo Globo) ajudaram e contribuíram para o processo de transformação do estilo teledramático, trazendo identificação e ajudando a formação da representação do ser brasileiro na TV. Essa análise quali-quantitativa utiliza de listas de execução de músicas em rádio do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD) e a listagem de vendas de álbuns da NOPEM no período.

Palavra-chave: História da Mídia Sonora; Música; Trilha sonora; Novela; Janete Clair; Década de 1970.

Introdução

No primeiro semestre de 2021, em abril, uma notícia deixou muitos profissionais da indústria fonográfica mergulhados num mar de dúvida e incerteza. “A Sony Music anunciou nesta quinta-feira, 1º, que comprou a gravadora Som Livre, que pertencia à Globo Comunicação.” (CRUZ, 2021). Há dois pensamentos que subsequenciam desse fato: 1) a contínua queda e desvalorização do mercado fonográfico fez com que a Rede Globo não tenha mais interesse financeiro em seu braço fonográfico e 2) em como a TV Globo irá, a partir de agora, trabalhar o lançamento das trilhas sonoras de suas futuras novelas.

Essas são questões que irão ser respondidas com o tempo, observando cada mexida de peça no tabuleiro cultural que a Rede Globo joga.

Desde o início da década de 1970, a Rede Globo entendeu a necessidade de se comercializar as canções utilizadas em suas telenovelas através de álbuns no estilo

¹ Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Sonora, integrante do XIII ENCONTRO Nacional de História da Mídia em 2021.

² Graduado em Rádio e TV, com MBA em Marketing Digital, atua na área do audiovisual desde 2005. Especializado em áudio e produção musical. Mestrando em Comunicação pela UNIP (SP). Pesquisador do Centro de Estudos em Música e Mídia - MusiMid. E-mail: danieltrevis@gmail.com

coletâneas. A criação da Som Livre, parte integrante da SIPLA (Sistema Globo de Gravações Audiovisuais) foi a solução que encontrou para controlar a vida musical de suas telenovelas. Segundo Rita Morelli (1991), citada por Dias (2005, p. 2) a gravadora surgiu em 1969, mas só em 1971 entrou em atividade. O propósito dessa gravadora era produzir “inicialmente, às trilhas sonoras de novelas” (Memória Globo: Guto Graça Mello) e transformá-las “em produto de consumo específico e adicional, mas que mantinha com elas um vínculo inexorável” (DIAS, 2005, p. 8).

Na década de 1960, com o sucesso de trilhas sonoras de filmes como, por exemplo, “Bonequinha de luxo” (RCA - 1961), “A noviça rebelde” (RCA - 1965), “A primeira noite de um homem” (CBS - 1968) e “2001 - Uma odisséia no espaço” (MGM - 1969)³, as telenovelas começaram timidamente a aplicar uma movimentação *crossmediana* em parceria com gravadoras já consolidadas no mercado fonográfico⁴.

Esse processo de *crossmedia* se dá pela intenção de prolongar a narrativa e a transpor para outras mídias, como no caso, as mídias sonoras. As canções utilizadas nas trilhas sonoras funcionam como desdobramentos e/ou complementos das tramas originais apresentadas na telenovela. Aproveita-se do sucesso de um produto cultural como a telenovela, para criar um subproduto ou produto derivado como é o caso de um álbum de canções utilizadas na obra audiovisual (criação primária e prioritária). Segundo o autor do “Teletema – A história da música popular através da teledramaturgia brasileira”, Guilherme Bryan, em entrevista oportuna ao lançamento do livro, o sucesso de uma telenovela faz com que a trilha também seja bem-sucedida, uma vez que as canções é que devem servir à teledramaturgia (MIYAZAWA, 2014). Faria ainda afirma:

A amplitude das tramas e a multiplicação das subtramas tão comuns nas telenovelas favorecem a experiência transmídia⁵. [...] A consequência é uma maior lucratividade em termos financeiros, ou seja, o

³ Gravadora e ano de lançamento das trilhas sonoras de filmes citados obtidos através do site www.discogs.com <acesso em: 16 de junho de 2021>

⁴ Há poucos exemplos, antes da década de 1970, de trilhas sonoras de telenovela no modelo que conhecemos hoje em dia. Um deles é “Antônio Maria”, folhetim exibido pela TV Tupi em 1968. A regra era se ter álbuns de um artista interpretando as músicas da telenovela, como por exemplo “A Grande Mentira”, da cantora Ângela Maria, lançado em 1968 pela gravadora Copacabana. Outro exemplo, é o álbum “Panicali e suas novelas”, de Lyrio Panicali, músico compositor de trilhas de novelas. Lançado em 1969 pela Odeon, Lyrio reúne músicas suas que estiveram em novelas da Rede Globo e da TV Tupi dentre os anos de 1967 e 1969.

⁵ O termo transmídia começou a ser utilizado em 1991 pelo professor da University of Southern California Marsha Kinder. Porém, foi aprofundado 15 anos depois, no livro “Cultura de Convergência” de Henry Jenkins que a coloca como a possibilidade de transpor a narrativa de uma única mídia para demais alternativas dando possibilidades ao público de absorção e interação.

maio objetivo de qualquer emissora enquanto parte de uma indústria cultural. (FARIA, 2013, p. 4 e 10)

Novela como produto de identidade

A telenovela é um produto adaptado e originário da radionovela⁶ que encontra na TV, por volta dos anos 1950 e 1960, uma mídia não explorada e detentora de sorte de linguagens e recursos e um suporte preparado e apropriado para contar histórias com maior riqueza cênica na junção da imagem ao áudio, elemento já presente no rádio. Segundo o autor Rafael Righini em seu livro “A trilha sonora da telenovela brasileira: da criação à finalização”, “a telenovela é uma história contada por meio de imagens televisivas, com diálogo e ação, criando conflitos provisórios e definitivos.” (2004, p. 80).

Em pouco tempo, a narrativa novelesca carregou para a TV a audiência que já havia conquistado no rádio e alcançou o status de programa televisivo associado ao sucesso. A telenovela “se estruturou em torno de representações que compunham uma matriz imaginária capaz de sintetizar a sociedade brasileira em seu movimento modernizador” (LOPES, 2009, p. 23-24). Righini demonstra o sucesso que as telenovelas estavam fazendo, dizendo que a ampliação do público diminuiu sensivelmente o número de aparelhos desligados (RIGHINI, 2004, pag. 68).

Outro dado comprovativo do sucesso que as novelas estavam alcançando encontra-se em “Rede Globo e indústria fonográfica: um negócio de sucesso” de Márcia Tosta Dias, onde a autora traz números relativos a ocupação de telenovelas na grade de programação das TV dentre os anos de 1963 e 1977:

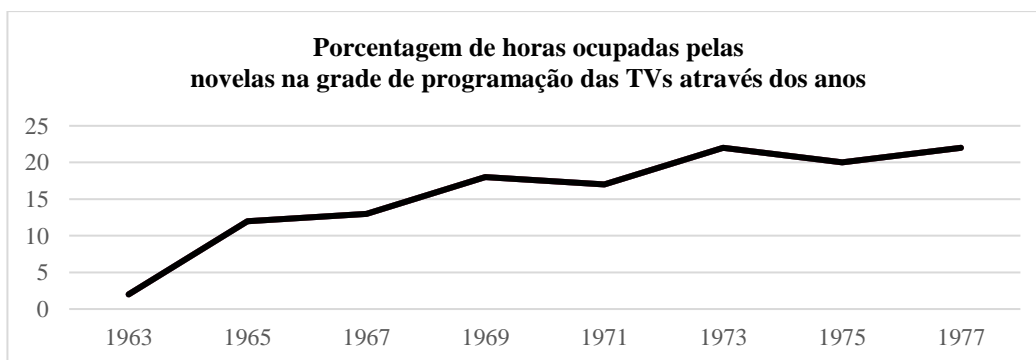


Figura 1 - Gráfico criado a partir de dados de ORTIZ, BORELLI e RAMOS (1989, p. 64 e 91) citado por DIAS (2005, p. 4).

⁶ Programas de rádio que traziam romances interpretados por atores através de falas, efeitos sonoros e músicas. Produto muito consumido por ouvintes brasileiros nas décadas de 1940, 1950 e 1960.

Mesmo dominando as grades de programação dos canais de televisão, não abandonou o estilo emprestado da radionovela, herdado dos mexicanos e argentinos. A linguagem refletia exatamente o universo folhetinesco, em que o drama e as inverossimilhanças conduziam os conflitos dos personagens. (RIGHINI, 2004, p. 64-65). A esse fato se deve à Glória Magadan, cubana, que trouxe em sua bagagem quase vinte anos de experiência na produção de radionovelas. (Autores: Glória Magadan, 1980). Ao chegar no Brasil, em 1964, ocupou o cargo de Supervisora Internacional de Novelas de Rádio na Colgate-Palmolive. Seu estilo, predominante nas novelas até início dos anos 70, “recheava os lares de condes, duques, ciganos, vilãs sem qualquer lógica, mocinhas ingênuas e galãs totalmente comprometidos com a bondade.” (FERNANDES apud RIGHINI, 2004).

O sucesso do estilo Magadan a levou ao posto de Supervisora de Novelas da Globo. Pela função, era ela quem cuidava da qualidade e coesão das histórias criadas pelos autores da casa. Como diz Fernandes (1997, p. 68), citado por Righini (2004, p. 67-68), Glória Magadan ditou as regras, movimentou fortunas em produções gigantescas, esqueceu os nossos costumes e ignorou a beleza de nossas paisagens. Era uma fórmula tão consolidada, com exitosos exemplos, que não possibilitava alterações pedidas pelo espectador.

Esse período, no entanto, durou pouco. Com necessidade de modernização das tramas e uma ambientação mais realística à vida dos brasileiros, outros autores de novela, sentindo-se presos às ideias de Magadan, começaram a cobrar por mudanças.

Essa exigência se tornou mais necessária quando, em 1968, a TV Tupi exibiu “Beto Rockfeller”. Escrita por Bráulio Pedroso, a novela “propôs diálogo mais coloquiais e tramas ambientadas no Brasil” (FERREIRA, 2003) e “retratava a realidade do jovem brasileiro: a malandragem, a beleza de uma geração nova.” (RIGHINI, 2004). A grande audiência⁷ dessa novela mostrou também que era isso que o público queria: identificação. Os telespectadores começavam a demonstrar cansaço e insatisfação com aquele tipo de drama apresentado pela supervisão de Glória.

Entra em ação, então, Janete Clair. “Apelidada pelo poeta Carlos Drummond de Andrade de Usineira de Sonhos” (Janete Clair: Estilo único e inconfundível), a autora havia sido contratada pela Rede Globo em 1967, com anuência da toda-poderosa das novelas Glória Magadan, para recuperar a audiência e dar rumo aos nós narrativos criados pelo ator e escritor

⁷ Foi a última novela da TV Tupi que conseguiu competir em números de audiência com a Globo no horário das 20 horas.

Emiliano Queiroz em sua novela “Anastácia, a mulher sem destino”. Por conta do êxito obtido, foi contratada em definitivo. Foi-lhe dado o horário das 20 horas logo na primeira novela totalmente sua: “Sangue e areia” (1967-1968). Depois, emendou outras duas novelas na faixa de horário: “Passo do ventos” (1968-1969) e “Rosa rebelde” (1969). Em reportagem de 1973, Janete relatou sua facilidade e obstinação em escrever novela:

- Nunca parei de trabalhar mesmo quando tive meu último filho pois escrevi capítulos a mão, na Casa de Saúde. Houve época em que, com filhos pequenos para cuidar, escrevia duas a três radionovelas ao mesmo tempo. Tudo dava certo porque sou muito metódica... (RAMALHO, 1973)

Um mês depois do fim de “Rosa rebelde”, ela estreou “Véu de noiva” (1969-1970), a primeira de 11 novelas de sua autoria que foram exibidas na Rede Globo na década de 70. A produção foi intensa: a autora emendou quatro novelas num período de mais de três anos no ar, ininterruptamente. Após “Véu de noiva”, veio “Irmãos coragem” (1970-1971)⁸, “O homem que deve morrer” (1971-1972) e “Selva de pedra” (1972-1973). A partir dessa novela, ela conseguiu intervalos de descanso, como pode se ver abaixo:

| Nome da novela | Duração | Data de início e fim |
|------------------------------|----------------|-------------------------|
| “Véu de noiva” | 7 meses | 10/11/1969 a 06/06/1970 |
| “Irmãos coragem – 1ª versão” | 12 meses | 08/06/1970 a 12/06/1971 |
| “O homem que deve morrer” | 10 meses | 14/06/1971 a 08/04/1972 |
| “Selva de pedra – 1ª versão” | 8 meses e meio | 10/04/1972 a 23/01/1973 |
| Período fora do ar | 7 meses | |
| “O semideus” | 8 meses meio | 20/08/1973 a 07/05/1974 |
| “Fogo sobre terra” | 7 meses | 06/05/1974 a 04/01/1975 |
| Período fora do ar | 5 meses | |
| “Bravo!” | 7 meses e meio | 16/06/1975 a 31/01/1976 |
| “Pecado capital – 1ª versão” | 7 meses e meio | 24/11/1975 a 04/06/1976 |
| Período fora do ar | 6 meses | |
| “Duas vidas” | 6 meses | 13/12/1976 a 11/06/1977 |
| Período fora do ar | 6 meses | |
| “O astro – 1ª versão” | 7 meses | 06/12/1977 a 08/07/1978 |
| Período fora do ar | 6 meses e meio | |
| “Pai herói” | 7 meses | 29/01/1979 a 18/08/1979 |

Figura 2 - Tabela desenvolvida com dados apresentados no site GLOBO MEMÓRIA.

⁸ Segundo matéria de Ricardo Ramalho, na TV Sucesso em julho de 1973, a novela “Irmãos Coragem” “quase atingiu os 100 por cento do IBOPE”

Das novelas apresentadas na tabela, apenas “Bravo!” foi ao ar no horário das 19 horas. As demais ocuparam o horário nobre da TV. Isso concedeu a Janete Clair “o título de Maga das Oito, por seus inúmeros sucessos no horário”. (Janete Clair: Estilo único e inconfundível)

Em entrevista publicada em “Pecado capital”, Janete Clair disse:

Escrevo sobre aquilo que conheço: a classe média, e tenho o cuidado de fazê-lo ao gosto bem popular, não escondendo os problemas, mas tratand-os com mão leve. A ideia é tornar a vida e os conflitos humanos bem acessíveis a todos, fazendo com que os personagens vivam, e não apenas conversem sobre seus dramas (AMARAL, 1997).

J.B. de Oliveira Sobrinho, o Boni, encerra o assunto quando se fala da autora:

Janete não foi uma simples escritora profissional de novelas, mas escolheu para si mesma o papel mágico de glorificar o amor e, minuciosamente, expor a face emocionante do ser humano, através da alegria e do sofrimento, dos sonhos e das vitórias de seus personagens. Uma novela não tem ingredientes, tem emoção, dizia Janete Clair. E ninguém, melhor do que ela, soube lidar com a emoção. (BONI apud FERREIRA, 2003, Prefácio).

Foi nesse período da década de 70 que a Rede Globo alcançou a posição hegemônica e de liderança. Deve-se muito ao produto novela e ao sucesso dela junto ao público brasileiro. Segundo Távola (1996), a evolução da telenovela entre [...] 1970-1980 é de profissionalização e conquista do mercado com qualidade literodramatúrgica. (RIGHINI, 2004, p. 49). O maestro Júlio Medaglia complementa: “Por essa razão que, ao ser industrializada e ganhar contornos profissionais de alto nível a partir da década de 1970, através da TV Globo, ela se tornou um modelo internacional de linguagem, assistida em mais de 150 países.” (MEDAGLIA apud RIGHINI, 2004, p. 9).

Eram um grupo de profissionais dispostos a perfurar a bolha mágica criada por Magadan. Esses profissionais acabaram por fazer novelas que se tornaram referência na história das novelas. Como disse Lauro César Muniz, autor de novela com passagens pela Globo, havia no ar um clima de busca de uma linguagem vigorosa, uma linguagem mais ambiciosa. [...] Nós fizemos, na década de 1970, telenovelas muito arrojadas, com uma temática muito vigorosa [...] Conseguimos transformar o Brasil em pequenas cidades do interior e, à guisa de falar das pequenas cidades, falamos do país. Nós conseguimos, aqui e ali, driblar a censura de maneira muito hábil.” (1995, p. 95, 96 e 98).

A telenovela conquistou reconhecimento público como produto estético e cultural, convertendo-se em figura central da cultura e da identidade do País. Ela também pode ser

considerada um dos fenômenos mais representativos da modernidade brasileira, por combinar o arcaico e o moderno, por fundir dispositivos narrativos anacrônicos e imaginários modernos e por ter a sua história fortemente marcada pela dialética nacionalidade-mediatização. (LOPES, 2009, p. 22). Se tornou no principal produto cultural da televisão brasileira, pois mobiliza milhões de pessoas para acompanhar uma narrativa que estará relacionada intimamente com o afeto individual e coletivo (GRECO, 2014). De maneira descontinuada, antecipo o tema trilha sonora para associações em torno de afeições:

A inserção das músicas na telenovela também chama a atenção pelo afeto. Ao inserir uma canção que já é conhecida, seja pela inserção no rádio ou em um filme, pode-se captar a atenção do espectador e fazê-lo acompanhar os demais capítulos da telenovela. (HAANDEL, 2021)

Trilha sonora de novela

Não há maneira melhor de se prolongar o sucesso de uma novela do que projetar o sucesso dela em outros meios e produtos. Assim nasce a ideia de se vender álbuns com as canções utilizadas nos capítulos das telenovelas⁹. Ao associar uma música àquela trama, conflito ou personagem, com repetidas execuções ao longo dos capítulos, assim que essa música tocar na rádio, o ouvinte automaticamente se lembra da novela. Se transpõe, assim, um mundo televisivo ao mundo radiofônico.

A trilha sonora é “uma coletânea de canções [...] que se encaixam no perfil dos personagens e [...] da clima às cenas apresentadas” (RIGHINI, 2004, p. 97). Dessa associação de imagens e sons, de cenas e músicas, “criou-se um vínculo entre novela e indústria do disco.” (DEL RANGEL apud RIGHINI, 2004). O objetivo sempre foi ter um produto com boa vendagem. Para isso, usou-se de técnicas audiovisuais para conquistar o telespectador como, por exemplo, a inserção da música em determinado ato dramático e a criação de versões com sentimentos (*mood*) diferenciados. Isso se alinha com a opinião da cantora Vange Leonel e do então diretor artístico da Rádio Jovem Pan Ricardo Henrique no ano da matéria da revista BIZZ (1995, p. 41) citada por Dias (2005, p. 8): “Você vende a música pegando as pessoas comovidas; as pessoas estão envolvidas com a cena e você joga a música ali.”

Essa ideia da canção servindo a narrativa aparece também através de uma entrevista de Júlio Medaglia (2000) citada por Righini (2004, p. 107) em que fala define que a função da trilha sonora é “participar da narração de uma forma própria, de uma forma criativa, de

⁹ Tema já iniciado na Introdução desse artigo.

uma forma diferenciada, porque o som tem características diversas da imagem e do texto. ” É uma visão subserviente do som para com a imagem: a música tendo uma visão complementar na narrativa dramática da novela.

Essa relação tem de ser (e é) benéfica aos dois meios. Como uma simbiose. Para Renata Pallotini (2001), em entrevista cedida a Righini (2004, p. 119) essa consorciação entre música e personagem, dentre uma série de funções, é a que mais interessa a dramaturgista pois identifica personagens ou caracteriza certos momentos da história. Na mesma toada, Mariosinho Rocha, diretor musical da Rede Globo de 1989 até 2016, descreve esse trabalho como semelhante ao do costume designer, só que ele veste o personagem com roupa e o diretor musical com música. (DIAS, 2005, p. 11).

Quando o assunto é trilha sonora, a música passa a ter uma função agregadora de carga emocional e de fluido dramático. Porém, essa mesma música tem que ter vida independente da obra audiovisual. Por si só, ela conta uma história sonora e uma lírica e deve, enquanto produto cultural, conquistar ouvintes através dessas narrativas. Como evidência Daniel Filho (2003, p. 323-324), citado por Haandel (2021, p. 248), “a escolha da música é uma especialidade; afinal, ela tem que completar o aspecto dramático da obra, mas também tem que ‘tocar no rádio’”. Quando se falar de tocar na rádio, entende-se fazer o ouvinte sentir a necessidade de ouvir mais e mais aquela música ao ponto de comprar um álbum que contenha o fonograma específico. “O importante era (e é) vender e para isso as novelas da emissora traziam consigo uma mistura explosiva: altos índices de audiência e as condições especiais usadas para arrebatá-lo o espectador” (DIAS, 2005, p. 8).

A Globo, “de forma pragmática/industrial, se tornou produtora, divulgadora e comerciante de música, sendo as trilhas das telenovelas a ‘espinha dorsal’ da Som Livre” (SCOVILLE apud HAANDEL, 2021). Marcelo Soares, atual CEO da Som Livre disse que “o suporte da Globo foi fundamental para o crescimento da Som Livre” (CRUZ, 2021).

Apesar de historicamente a Som Livre não se limitar a trilhas sonoras e ter lançamentos de artistas como Rita Lee, Tim Maia, Djavan e Xuxa, a intenção inicial era fazer o lançamento das trilhas sonoras das novelas da Rede Globo¹⁰. Por tanto, seu desempenho enquanto gravadora devia-se, inicialmente, as colêneas lançadas (dentre elas, as trilhas

¹⁰ Como já foi explicado nesse artigo.

sonoras das telenovelas). Em seis anos de atividade, ela já era líder no mercado de discos como explica Dias:

Um claro sintoma desse boom foi o crescimento obtido no período pela gravadora Som Livre, da Rede Globo, produzindo especialmente trilhas. Atuando desde 1971, em 1974 ela já tinha 38% do mercado de discos mais vendidos; em 1975, 56% e, em 77, tornou-se líder. (DIAS, 2000, p. 59)

Tem-se claro, a partir desses dados e da história cultural e memória, a importância da Som Livre para o mercado fonográfico e a importância das novelas da Rede Globo e suas trilhas sonoras para a Som Livre.

As canções na obra de Janete Clair nos anos 1970

Baseando-se em listas como a da NOPEM (Nelson Oliveira Pesquisas de Mercado)¹¹ dos 50 discos mais vendidos e a lista do ECAD (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição)¹² das 100 músicas mais executadas nas rádios em cada um dos anos da década de 1970, foi feito o cruzamento com as canções pertencentes às trilhas sonoras das novelas escritas por Janete Clair no período.

NOPEM é um instituto “criado em 1965 com o objetivo de atender exclusivamente à indústria fonográfica. Nelson Oliveira, seu fundador, trabalhara anteriormente no Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) e estruturou sua pesquisa de vendas de discos com base em informações de lojistas das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.” (VICENTE, 2008). O uso das duas listas citadas reforça, com a presença de congruências, a representação do cenário musical à época. Esses dados reativam a memória e garantem a durabilidade através de trabalhos como este.

Analisando a listagem da NOPEM, temos três trilhas sonoras (coletâneas) com canções nacionais entre os 50 discos mais vendidos do ano: “Véu de noiva” (Philips¹³ – 1970), “Duas vidas” (Som Livre – 1977) e “Pai herói” (Som Livre – 1979).

¹¹ Listagem concedida por Eduardo Vicente, o primeiro pesquisador a utilizá-las durante Doutorado em Comunicação “Música e Disco no Brasil” – ECA-USP, São Paulo, 2002.

¹² Listagem apresentada por Heloísa Maria dos Santos Toledo em sua tese de doutorado “Som Livre: Trilhas sonoras das telenovelas e o processo de difusão da música” (UNESP/Araraquara – 2010) com as 100 canções mais executadas nas rádios em cada ano dentre 1969-2005, segundo ECAD.

¹³ Trilha sonora nacional de “Véu de Noiva” lançada em parceria com a Philips, como procedimento anterior a 1971 e a utilização da Som Livre para esse fim, como já citado nesse trabalho. “Produzida por Nelson Motta, tendo vendido 70 mil cópias” (MORELLI apud DIAS, 2005)

No livro organizado por Valério Cruz Brittos e César Bolaño “Rede Globo: 40 anos de hegemonia e poder”, Márcia Tosta Dias escreve:

Se o artista já está fazendo sucesso, o interesse de fazer sua canção integrar uma trilha sonora diminui, uma vez que a compra do disco da novela, motivada pelo conhecimento daquela canção específica, pode indicar que o disco do artista não foi ou não será comprado, o que não é vantajoso para a gravadora. (DIAS, 2005, p. 221)

Contrário à ideia apresentada acima, as listagens comprovam que o artista se beneficia com a inclusão de sua música na novela. O autor Bryan, em entrevista a Miyazawa (2014) disse que dificilmente aquelas canções teriam o mesmo sucesso radiofônico se a novela não tivesse sido tão bem-sucedida. A partir dessa fala, observa-se que o sucesso das telenovelas impulsionou também a vendagem de álbuns dos artistas, como está presente na tabela abaixo:

| Nome da novela e ano | Nome do álbum e do artista | Gravadora | Posição | Ano |
|--|--|-------------|---------|------|
| “Bravo!” (1975-1976) | “Fruto proibido” de Rita Lee e Tutti Frutti | Som Livre | 12° | 1975 |
| “Pecado capital - 1ª versão” (1975-1976) | “Maravilha de cenário” de Martinho da Vila | RCA | 15° | 1976 |
| | “Moça” de Wando | Beverly | 18° | 1976 |
| “Duas vidas” (1976-1977) | “Meninas de cabelos longos” de Agepê | Continental | 4° | 1977 |
| | “Tristeza danada” ¹⁴ de Agnaldo Timóteo | Odeon | 44° | 1977 |
| “O astro - 1ª versão” (1977-1978) | “Beth Carvalho” de Beth Carvalho | RCA | 12° | 1977 |
| | “Flor de lis” ¹⁵ de Djavan | Som Livre | 49° | 1977 |
| | “Que pena” de Peninha | Polydor | 8° | 1978 |
| “Pai herói” (1979) | “Maria Bethânia” de Maria Bethânia | Philips | 6° | 1978 |
| | “Alerta geral” de Alcione | Philips | 10° | 1978 |

É importante observar que, apesar das trilhas sonoras das novelas da Globo serem lançadas por seu braço fonográfico, a Som Livre, a execução de canções ao longo dos episódios alavancou a vendagem de álbuns de artistas de outras gravadoras. É o caso das transnacionais RCA, Odeon, Polydor e Philips e das gravadoras menores¹⁶ como Beverly e Continental.

Nessa tabela, há uma inconsistência de datas. A novela “Pai herói” foi exibida logo nos primeiros dias do ano de 1979 e apresenta canções em sua trilha sonora que estiveram entre os álbuns mais vendidos do ano anterior (1978). Claramente, na escolha de repertório,

¹⁴ Compacto Duplo

¹⁵ Compacto Simples

¹⁶ Categoria relacionada ao aporte financeiro, investimentos e catálogo de artistas

a Som Livre junto a Globo fez uso de canções de sucesso anterior (porém contemporâneo) a exibição da novela como forma de associação e identificação do telespectador.

Assim, segundo dados da NOPEM, temos a seguinte evolução:

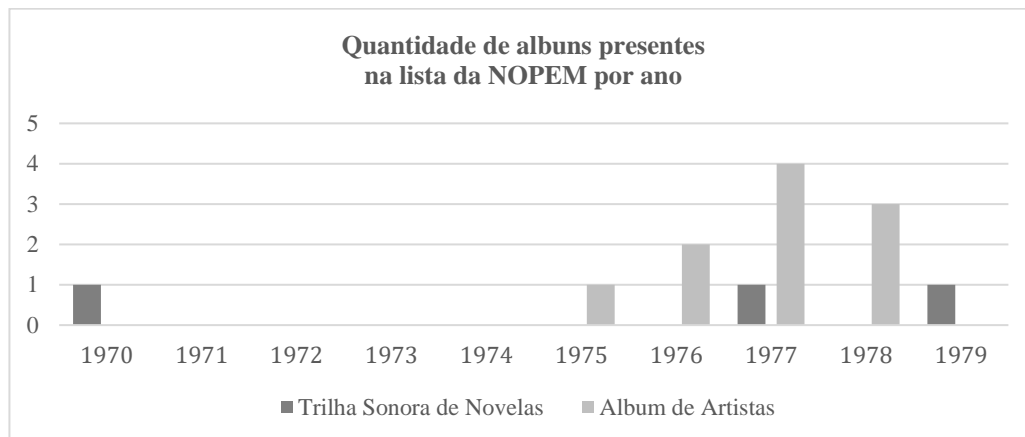


Figura 3 – Gráfico representativo com dados da NOPEM e lista de canções presentes nas novelas de Janete Clair na década de 70.

Já a listagem das 100 canções executadas em cada um dos anos da década de 1970, segundo o ECAD, apresenta:

| Nome da novela (por ano) | Nome da música e do artista | Ano | Ranking |
|------------------------------|--|------|---------|
| “Véu de noiva” | 17“Teletema” de Regininha | 1970 | 52° |
| “Irmãos coragem - 1ª versão” | “Menina” de Paulinho Nogueira | 1970 | 17° |
| | “Irmãos coragem” de Jair Rodrigues | 1970 | 56° |
| “Bravo!” | “Agora só falta você” de Rita Lee e Tutti Frutti | 1975 | 55° |
| | “Dentro de mim mora um anjo” de Sueli Costa | 1975 | 68° |
| | “Esse tal de Roque Enrow” de Rita Lee e Tutti Frutti | 1975 | 71° |
| “Pecado capital - 1ª versão” | “Moça” de Wando | 1975 | 1° |
| | “Você não passa de uma mulher” de Martinho da Vila | 1975 | 39° |
| | “Beijo partido” de Nana Caymmi | 1975 | 76° |
| | “Melô da cuíca” de Azimuth | 1975 | 86° |
| | “Meu perdão” de Beth Carvalho | 1975 | 91° |
| | “Juventude transviada” de Luiz Melodia | 1975 | 60° |
| | “Juventude transviada” de Luiz Melodia | 1976 | 1° |
| | “Pecado capital” de Paulinho da Viola | 1976 | 17° |
| “Duas vidas” | “Paralelas” de Vanusa | 1975 | 5° |
| | “Paralelas” de Vanusa | 1976 | 61° |
| | “As rosas não falam” de Beth Carvalho | 1976 | 12° |
| | “Vá mas volte” de Ângela Maria | 1976 | 24° |
| | “Levante os olhos” de Silvio Cesar | 1976 | 44° |
| | “Cuide-se bem” de Guilherme Arantes | 1976 | 49° |
| | “Olhos nos olhos” de Agnaldo Timóteo | 1976 | 53° |
| | “Cinco companheiros” de Paulinho da Viola | 1976 | 72° |

| | | | |
|-----------------------|---|------|-----|
| | “Deixa” de Bandits Of Love ¹⁸ | 1976 | 89° |
| | “Menina de cabelos longos” de Agepê | 1976 | 78° |
| | “Menina de cabelos longos” de Agepê | 1977 | 8° |
| | “Sorte tem quem acredita nela” de Fernando Mendes | 1977 | 24° |
| “O astro - 1ª versão” | “Saco de feijão” de Beth Carvalho | 1977 | 40° |
| | “Nega” de Emilio Santiago | 1977 | 66° |
| | “Um jeito estúpido de te amar” de Maria Bethânia | 1977 | 77° |
| | “Bijuterias” de João Bosco | 1977 | 81° |
| “Pai herói” | “14 anos” de Guilherme Arantes | 1978 | 74° |
| | "A chave do mundo" de Marina Lima | 1978 | 96° |
| | "Pai" de Fábio Jr. | 1978 | 84° |
| | "Pai" de Fábio Jr. | 1979 | 2° |

Apesar de serem 35 entradas, há apenas 31 músicas. Quatro delas conseguiram o feito de se manterem entre as mais executadas em dois anos consecutivos. É o caso de “Paralelas” de Vanusa, trilha sonora de “Duas vidas”; “Juventude transviada” de Luiz Melodia, trilha sonora de “Pecado capital - 1ª versão”; “Menina de cabelos longos” de Agepê, trilha sonora de “Duas vidas” e “Pai” de Fábio Jr., trilha sonora de “Pai herói”.

Essa tabela também apresenta a mesma inconsistência sobre a novela “Pai herói” presente na tabela anterior. As canções “14 anos” de Guilherme Arantes, “A chave do mundo” de Marina Lima e “Pai” de Fábio Jr. foram bem executadas no ano anterior ao da novela, comprovando o uso consciente com a finalidade de identificação do telespectador junto a juventude, já que são artistas novos da música pop/romântica.

E, segundo a listagem das canções mais executadas na década, temos:

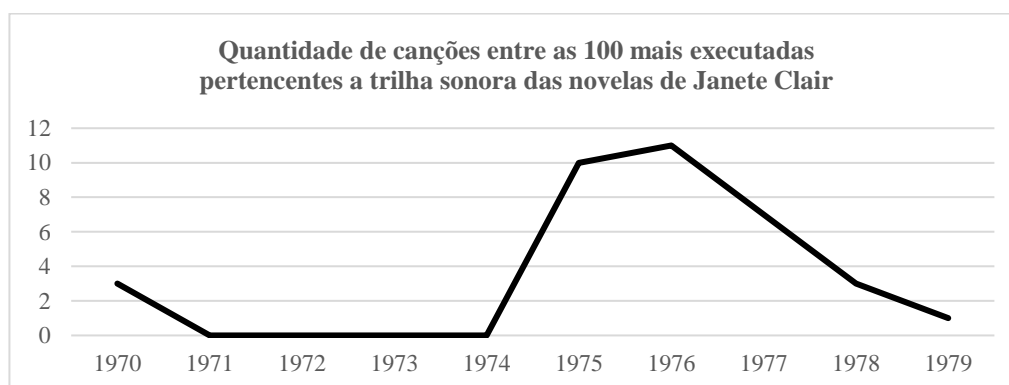
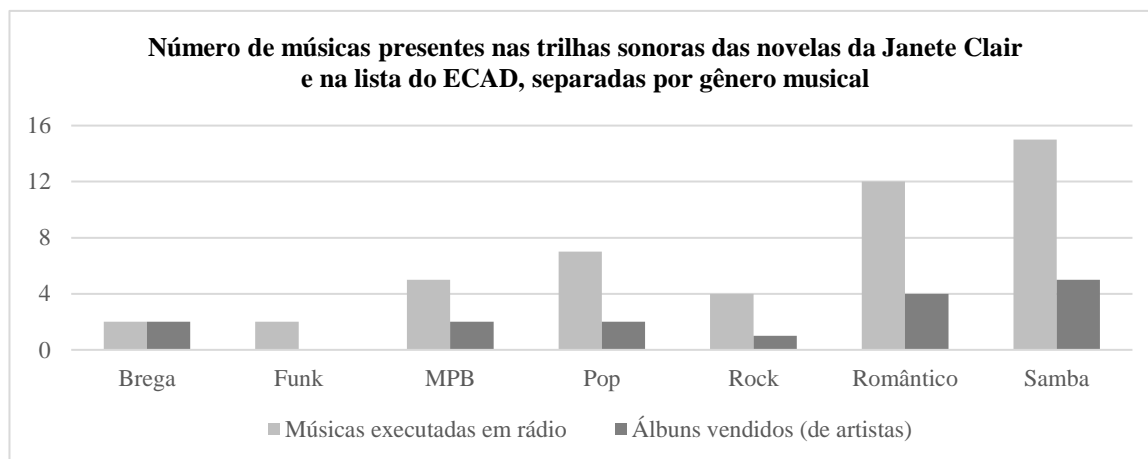


Figura 4 – Gráfico demonstrativo com dados segundo lista do ECAD (DIAS, 2005)

É possível analisar também como as escolhas das músicas que compõem as trilhas sonoras das novelas contribuíram para o movimento de modernização e identificação das

¹⁸ Grupo musical feminino formado por cantoras de estúdio e que no final da década seria conhecido por de Harmony Cats

telenovelas pela visão do telespectador. Com a necessidade de se fugir do cenário de reis e cavaleiros de Glória Magadan e encostar no ambiente em que se viviam os brasileiros, numa linguagem coloquial, a música serviria como instrumento nesse processo. Daí a escolha de gêneros populares de música, como o samba, a canção romântica e o *pop*¹⁹:



Considerações finais

Como expressa o diretor Del Rangel, na apresentação do livro de Rafael Righini (2004, p. 11), a trilha sonora é a alma da novela. E como tal, seu uso é fundamental como técnica narrativa e diegética. Além desse fator, a música traz consigo sentimentos e emoções a sua volta que podem servir (e são usadas assim) como um processo de comoção, emprestando diversas sensações à cena, ao personagem, ao conflito ou ao ambiente.

Não é coincidência que na transição do estilo literário impresso nas telenovelas (de Glória Magadan à Janete Clair) tenhamos, num lance de *crossmedia*, o início e a estabilização frente ao sucesso do uso em mídia de trilhas sonoras. A música e seus gêneros ajudaram no movimento de representação da brasileirização e sua conseqüente identidade junto ao povo brasileiro e no processo de modernização e desengessamento dos dramas e narrativas apresentadas por esse produto cultural tão fascinante à ótica dos brasileiros que é a novela.

Esse trabalho, com a análise das listas da NOPEM e do ECAD como representantes do consumo de música, associadas às listas apresentadas como trilhas sonoras das novelas escritas por Janete Clair e exibidas na década de 1970, deixa uma pequena contribuição para

¹⁹ Não foram levados em conta os álbuns lançados como das trilhas sonoras por serem consideradas coletâneas e como tal terem a possibilidade da não unidade de gênero. A análise se baseou apenas nos álbuns de artistas catapultados à lista da NOPEM por interferência do sucesso da novela e as músicas apresentadas na lista das mais executadas no período, segundo ECAD.

o entendimento acerca da mudança do perfil dos brasileiros, sob a ótica da TV, e em um momento tão importante para a história de nosso país.

Referências bibliográficas

A TV por dentro - Sonoplastia. Melhores Momentos, n. 10, p. 157-159, 1980. **Tudo Isso é TV**. Disponível em: <http://tudoissoetv.blogspot.com/search/label/A%20TV%20POR%20DENTRO%20-%20SONOPLASTIA>. Acesso em: 12 junho 2021.

AMARAL, Lygia Barbière. **A Estrutura Dramática das Novelas de Janete Clair**. XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação / GT 21 - Ficção Televisiva Seriada. [S.l.]: [s.n.]. 1997.

AUTORES: Glória Magadan. Melhores Momentos, p. 224, 1980. **Tudo Isso é TV**. Disponível em: <http://tudoissoetv.blogspot.com/search/label/GL%C3%93RIA%20MAGADAN>>. Acesso em: 08 junho 2021.

CRUZ, Felipe Branco. **Sony Music compra a gravadora Som Livre, das organizações Globo**. Veja, 01 abril 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/sony-music-compra-a-gravadora-som-livre-das-organizacaoes-globo/>>. Acesso em: 17 junho 2021.

DIAS, M. T. Os donos da voz - Indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura. [S.l.]: Boitempo Editorial, 2000. 183 p.

DIAS, Márcia Tosta. **Rede Globo e indústria fonográfica: um negócio de sucesso**. In: BOLAÑO, César Ricardo Siqueira; BRITTOS, Valério Cruz. Rede Globo - 40 anos de poder e hegemonia. São Paulo: Paulus, 2005. p. 214-226.

ENTRETENIMENTO: Tramas emocionantes, programas que marcaram época. **MEMÓRIA GLOBO**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas>. Acesso em: 13 junho 2021.

FARIA, Paula Beatriz Domingos. TV e mídias digitais: integração através da músicas em Cheias de Charme. **Lumina Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**, Juiz de Fora, 17, n. 2, dezembro 2013. 1-12. Acesso em: 14 julho 2021.

FERREIRA, Mauro. **Nossa Senhora das Oito: Janete Clair e a evolução da telenovela no Brasil / Mauro Ferreira com pesquisa e reportagem de Cleodon Coelho**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GRECO, Clarice. **O culto dos fãs online e a transformação de Avenida Brasil em um cult nacional**. Revista GEMInS, 10 dezembro 2014. 63-78.

HAANDEL, Johan Cavalcanti Van. **A importância da Rede Globo na difusão dos sucessos das pequenas gravadoras brasileiras entre 1971 e 1975**. Ação Midiática, jan/jun 2021. 244-263.

JANETE Clair: Estilo único e inconfundível. TV Novelas, p. 52-53. **Tudo Isso é TV**. Disponível em: <http://tudoissoetv.blogspot.com/search/label/JANETE%20CLAIR>. Acesso em: 08 junho 2021.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZES**, Ano 3, n. Vol. 1, agosto/dezembro 2009. 21-47. Acesso em: 14 julho 2021.

MEMÓRIA Globo: Guto Graça Mello. **Memória Globo**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/guto-graca-mello/perfil-completo>. Acesso em: 10 junho 2021.

MIYAZAWA, Pablo. Livro mostra como a novela fez trilha sonora do Brasil entre anos 60 e 80. **UOL Entertê - Música**, 10 dezembro 2014. Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/12/10/livro-disseca-as-trilhas-sonoras-de-novelas-entre-as-decadas-de-60-e-80.htm>. Acesso em: 08 junho 2021.

MUNIZ, Lauro César. **Nos bastidores da telenovela**. Comunicação & Educação, 30 dezembro 1995. 94-103.

RAMALHO, Ricardo. O público fez a novela evoluir. **TV Sucesso**, v. n. 7, julho 1973. **Tudo Isso é TV**". Acervo: José Henrique Uessler. Disponível em: <http://tudoissoetv.blogspot.com/search/label/REVISTAS%20TV%20SUCESSO>. Acesso em: 08 junho 2021.

RIGHINI, Rafael Roso. **A Trilha Sonora da Telenovela Brasileira: da criação à finalização**. São Paulo: Paulinas, 2004.

TOLEDO, Heloísa Maria dos Santos. **Som Livre: As trilhas sonoras das telenovelas e o processo de difusão da música**. Araraquara. 2010.

VICENTE, Eduardo. **Segmentação e consumo: a produção fonográfica brasileira - 1965/1999**. ArtCultura, Uberlândia, 10, 04 dezembro 2008. 103-121. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1500/2755>.